

## **A BIBLIOTECA ESCOLAR/INFANTIL COMO ESPAÇO DE TERRITORIALIDADE DA CRIANÇA**

Jéssica Mara Pongelupe Assis de Oliveira <sup>1</sup>

### **Resumo**

Um documento orientador na construção de padrões mínimos aceitáveis para o bom funcionamento das bibliotecas escolares, são as Diretrizes da IFLA/UNESCO para as bibliotecas escolares. Muitas bibliotecas infantis funcionam em ambientes escolares, em conjunto à biblioteca escolar. Considerando que o público das bibliotecas infantis são os bebês até as crianças de cinco anos, se torna fundamental à equipe que trabalha na biblioteca que conheça a história da construção da infância, os direitos das crianças e como suas culturas são construídas. O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve explanação sobre a construção da infância, como categoria social geracional, a fim de que se garanta a biblioteca infantil como espaço de territorialidade da criança. Com isso, serão apresentadas as contribuições de Philippe Ariès, dos campos de estudos que, posteriormente, colaboraram na construção da concepção de infância, tais como a Psicologia, o Direito e a Sociologia da Infância. Nestes vieses, serão apresentados alguns direitos das crianças que se relacionam com este trabalho, também conceitos sobre culturas da infância. Adiante, serão discutidos tópicos sobre o brincar, a brincadeira e o brinquedo como manifestação e expressão da criança. Por fim, são apresentadas algumas ideias sobre a biblioteca como espaço de territorialidade da criança, neste sentido espaço de uso, de criação e manifestação da cultura pela criança. Como metodologia será realizada uma pesquisa bibliográfica, com foco nos trabalhos acadêmicos e científicos, que abordem as bibliotecas infantis e o uso desses espaços pelas crianças. O recorte serão as pesquisas que abordem as bibliotecas infantis das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte. Nos resultados serão esmiuçadas algumas informações das pesquisas encontradas e ao final serão apresentadas considerações.

**Palavras-chave:** Infância; Direitos das Crianças; Cultura Infantil.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Educação Tecnológica do Cefet-MG. (jessicamarapongelupe@yahoo.com.br)

## Introdução

Ao pensar no público das bibliotecas infantis lembra-se das crianças bem pequenas, dos bebês às crianças com cinco anos. Geralmente, as bibliotecas infantis estão alocadas em escolas, atuando em conjunto com as bibliotecas escolares. A IFLA/UNESCO publicou um documento com as Diretrizes da IFLA/UNESCO para as bibliotecas escolares, consta de uma série de sugestões, a fim de garantir padrões mínimos aceitáveis às bibliotecas escolares. No entanto, apesar do esforço deste documento, nota-se a necessidade de se pensar nas particularidades necessárias para atender às crianças menores.

Neste sentido, acredita-se que seja fundamental a todo profissional que trabalhe em bibliotecas infantis, que conheça, mesmo que de forma breve, a história da infância, como ela foi construída socialmente e ao longo do tempo. Desta forma, no referencial teórico a seguir, serão apresentadas algumas informações sintetizadas sobre a história da infância, a influência de teóricos da Psicologia na construção da infância, a influência da Sociologia da infância, como responsável por permitir um novo olhar sobre as culturas da infância. Também, a criança como ser de direitos, então serão apresentados alguns tópicos sobre essa temática.

O brincar é visto como linguagem e forma de expressão da criança, desta forma, um direito também fundamental a ela. Assim, são apresentadas algumas conceituações sobre o brincar, a brincadeira e o brinquedo. Por fim, pretende-se uma reflexão sobre o papel da biblioteca escolar e infantil como espaço de territorialidade da criança.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma breve explanação sobre a construção da infância, como categoria social geracional, a fim de que se garanta a biblioteca infantil como espaço de territorialidade da criança.

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, visa à realização de levantamento bibliográfico e documental acerca da temática desenvolvida neste trabalho, para tanto, foram definidos os termos biblioteca escolar, biblioteca infantil, EMEI-PBH, uso da biblioteca por crianças, que foram utilizados na pesquisa realizada nas bases de dados BRAPCI, LIBES, Portal Scielo, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e no Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais. Também foi delimitado, além da cidade Belo Horizonte por se tratar das EMEIS da cidade, o período dos

anos 2017 a 2022, visando as publicações mais recentes. Com os termos combinados foram encontrados cerca de 10 publicações. No entanto, ao conhecer o conteúdo, de cada obra foram selecionados apenas 3 que possuem alguma relação com a temática desenvolvida aqui.

### **Referencial teórico**

Pensar em criança é se ater ao fato de que elas sempre estiveram presentes nas sociedades e ao longo do tempo. Porém, com a infância foi diferente. Foi a partir dos estudos de Philippe Ariès que os olhares sobre a infância como construção de uma categoria social e histórica surgiu.

Conforme Airès (2006), há dois sentimentos sobre à infância, no primeiro, as crianças são vistas como sujeitos passivos à paparicação, já o segundo se refere à fase da moralização. Sob o olhar da paparicação a criança era considerada uma fonte de entretenimento, relaxamento do adulto, por sua graça e ingenuidade. Não havia distinção entre crianças e adultos, o que ficou evidenciado nas pesquisas de Ariès, pois as crianças eram representadas em pinturas como se fossem mini-adultos. Já sob o viés da moralização, que houve forte influência da igreja católica, as crianças eram vistas como exemplos da inocência batismal, semelhantes aos anjos. Esse pensamento, impunha às crianças que ao serem frágeis, se fizessem homens racionais e cristãos. Também eram vistas como plantas jovens que em momentos oportunos necessitavam de rega e conselhos. Foi nessa concepção que se viu as crianças como criaturas que precisavam preservar e disciplinar. Esse sentimento passou para a vida familiar. A família do séc. XVIII intensificou os cuidados com a higiene e a saúde física da criança. A criança passou a ter um lugar central na família. A preocupação dos adultos em torno dela, não ocorria somente em relação ao seu futuro, mas também a sua presença e existência.

Os estudos de Philippe Ariès foram muito importantes para o desenvolvimento de ideias e conceitos sobre as infâncias e as crianças, que por meio do seu trabalho, despertou outras áreas a pesquisas sobre esses termos, assim como o Direito, a Psicologia, a Sociologia, Geografia, como tantos outros campos de pesquisa.

Como é possível perceber os estudos sobre infância e crianças possuem relações com outros campos e áreas do conhecimento, permitindo assim, uma interdisciplinaridade muito relevante. Por isso, mediante a relação existente entre crianças/infância e biblioteca escolar/biblioteca

infantil que este trabalho será desenvolvido.

No campo do direito das crianças e da infância, pode-se mencionar a Convenção dos Direitos da Criança de 1989. Se trata de uma convenção que é ratificada por cento e noventa e seis países. Visa a garantia de direitos à provisão, à proteção e à participação das crianças, a nível global.

Pode-se citar alguns direitos previstos na convenção, como o direito da criança à vida e sobrevivência, à segurança, educação, saúde, ao abrigo e moradia. Detalha como proceder no atendimento às crianças refugiadas, em situações de guerra.

Cabe destacar três artigos que contribuem com a linha de desenvolvimento deste texto, os artigos 12, 13 e 17. Que falam sobre a liberdade de se expressarem, da importância de serem ouvidas e do direito de acesso ao livro.

Sarmiento e Pinto (1997) apesar de reconhecerem que a Convenção dos direitos das crianças foi uma conquista importante para as crianças, citam que os direitos previstos na convenção estão baseados em três p, seria o P de proteção, P de provisão e P de participação. Conforme os autores

(...) proteção (do nome, da identidade, da pertença a uma nacionalidade, contra a discriminação, os maus-tratos e a violência dos adultos etc.), de provisão (de alimento, de habitação, de condições de saúde e assistência, de educação etc.) e de participação (na decisão relativa á sua própria vida e à direção das instituições em que actua). (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 5)

Se olharmos atentamente cada artigo da convenção, percebe-se uma presença maior de direitos relacionados aos dois primeiros sentidos, o de proteção e provisão. Em contrapartida, se percebe uma menor garantia de participação das crianças como atores ativos na sociedade. Neste sentido, cabe mencionar a influência que a Psicologia exerceu e ainda exerce na área de educação.

Jean Piaget foi o teórico responsável pela introdução da Teoria do Desenvolvimento Cognitivo e traçou os caminhos iniciais para o construtivismo. Sua contribuição na educação é evidente e até os dias atuais ainda repercute. No entanto, sua linha foi muito debatida a partir dos olhares da Sociologia da infância. Pois, em sua Teoria do Desenvolvimento Cognitivo a aprendizagem das crianças evolui por cada faixa etária em relação a um estágio do desenvolvimento, esses períodos são o sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. A crítica

acerca desta teoria, ocorre porque, ao olhar da Sociologia da infância, as crianças são homogeneizadas, ou seja, é como se todas as crianças de uma determinada idade estivessem no mesmo estágio de desenvolvimento, o que acaba por não valorizar as diferenças entre elas, de culturas, de contextos como classe social, localidade em que moram, gêneros e etnias.

Na lógica do adultocentrismo, as crianças são vistas como um vir a ser. Uma pessoa com potencial de ser uma pessoa completa no futuro. Para Sarmiento e Pinto (1997, p. 8)

Os estados de desenvolvimento psicológico das crianças, a sua constituição corporal e saúde, a escola e, sobretudo, a actividade de ensino-aprendizagem constituem os pontos de focalização dessas abordagens, que deixam na penumbra as crianças como seres plenos e na escuridão a infância como categoria social.

Ainda sob o enfoque da Psicologia temos outro importante teórico que também contribuiu muito com a educação. Se trata de Lev Vygotsky, contemporâneo de Piaget, mas com uma linha de pensamento oposta. Vygotsky foi o responsável por introduzir o Sociointerativismo e a Teoria de Zona Proximal. Para ele, as crianças se desenvolvem na relação com seus pares, apoiada no uso da linguagem, como ferramenta essencial às trocas entre estes pares, crianças-crianças; crianças-adultos. O professor aqui é visto como mediador.

A partir dos olhares da Sociologia da infância que as crianças passam a ser vistas como sujeitos únicos, ativos e diferentes, que expressam sentimentos, que aprendem na relação entre seus pares e que constroem sua cultura. Neste sentido, a criança tem seu espaço de fala, ao mesmo tempo que é ouvida. Anteriormente a essas concepções, o adulto era o único que falava sobre e das crianças, conforme Abramowicz

A fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político. Já sabemos que são os adultos quem falam das/sobre as crianças e que isso faz parte de uma das linhas do processo que chamamos de socialização. É o adulto quem fala na nossa hierárquica ordem discursiva. É importante destacar que não há algo na fala das crianças que seja excepcional ou diferente (apesar de que pode casualmente até haver), mas a criança ao falar, faz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas. (ABRAMOWICZ, 2011, p.24)

As crianças possuem pensamentos, sentimentos, saberes, por isso, uma expressão equivocada

que se percebe no senso comum é o adulto dizer “dar voz à criança”, uma vez que, o direito da criança de se expressar também está previsto na convenção. É fundamental, no entanto, que as crianças sejam estimuladas em seu espaço de fala e que também ouçamos o que elas têm a dizer. Cabe aqui apresentar um conceito sobre “culturas da infância”, conforme Sarmiento (2003, p.3-4) esse conceito foi estabelecido pela Sociologia da Infância e é definido como “capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”.

Sarmiento (2003) descreve algumas cenas de brincadeiras entre crianças, na primeira cena duas crianças brincam com uma boneca Barbie em um campo de refugiados, em um cenário de guerra, e na segunda cena, contada do livro de Pedro Rosa Mendes, “A Baía dos Tigres”, algumas crianças brincam de futebol na cidade de Bié em Angola, jogando com os restos de um crânio, não por maldade, mas pelo que tinham acessível no momento. Mas como é possível que as crianças brinquem diante de tais situações? Conforme Sarmiento mesmo com as diferenças entre as brincadeiras das duas cenas, por meio da brincadeira e da imaginação as crianças conseguem se transportar de uma situação real para uma realidade alternativa. Mesmo com as variáveis contextuais, de valores e sociais que cercam as crianças, ao brincar todas vivenciam um elemento comum: “a experiência das situações mais extremas através do jogo e da construção imaginária de contextos de vida”. (SARMENTO, 2003, p. 2).

Ainda em Sarmiento (2003) é no imaginário coletivo, por meio da transposição imaginária de situações, pessoas, objetos ou acontecimentos que se pode explicar a capacidade de resistência que as crianças possuem diante de situações dolorosas, como guerras, catástrofes naturais. Por isso o faz de conta é processual, permite à criança que continue vivendo em condições aceitáveis para ela. A criança vivencia a dor, porém a conduz em seu imaginário, em um processo de transpor o sofrimento para o prazer do brincar, contudo, continua levando a sério aquela situação.

### **O brincar, a brincadeira e o brinquedo**

O brincar e a brincadeira são formas de comunicação da criança. Para Vygotsky (1987, **apud** BORBA, 2007, p. 35) “o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia

e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos”. A brincadeira, para a autora, não é algo pronto do ser humano, a crianças desde muito pequenas aprendem a brincar nas relações com os outros e com a cultura. De acordo com Vygotsky (1998, p.48, **apud** MOREIRA, ASSIS E SANTOS, 2004) “aponta que o brincar é, portanto, uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças”.

Por meio das brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Ao brincar, elas exploram e refletem sobre a realidade sociocultural na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando papéis sociais próprios dos adultos. Podemos dizer que nas brincadeiras as crianças podem ultrapassar a realidade, transformando-a via imaginação. Fica evidente, contudo, que o papel do educador nas brincadeiras é o de observar e compartilhar com seus pares brincadeiras, fornecendo-lhes espaço, tempo e materiais apropriados e convidativos para o brincar, auxiliando-as quando solicitados. (MOREIRA; ASSIS; SANTOS, 2004, p. 48)

Sobre os brinquedos cabe mencionar que não foram feitos, quando surgiram, para as crianças. Os primeiros brinquedos eram voltados aos adultos.

Os brinquedos, em princípio, eram feitos para os adultos e, somente por volta do século XIX, houve interesse em confeccionar brinquedos para as crianças tais como: bonecas, bola, papagaio, roda de penas etc. Estes objetos eram de certa forma impostos à criança como objeto de culto, os quais, somente mais tarde, graças à força da imaginação da criança, transformaram-se em brinquedos. Os brinquedos eram e são considerados como criação do adulto para a criança, quando, na verdade, o brinquedo deveria ser uma criação da própria criança, independentemente do seu sexo. (MOREIRA; ASSIS; SANTOS, 2004, p. 42)

## **O território da biblioteca escolar/infantil no direito e nas culturas das crianças**

O direito ao livro está garantido às crianças na Convenção dos direitos das crianças, no art. 17,

Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação, e devem garantir o acesso da criança a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente aqueles que visam à promoção de seu bem-estar social, espiritual e moral e de sua saúde física e mental. (...) incentivar a produção e a difusão de livros para crianças; (...). (UNICEF, 1989, art.17).

A biblioteca escolar é mais um espaço da escola a ser utilizado e explorado pela criança. Sobre esta questão, o artigo de Maletta e Silva (2020) aborda acerca de territorialidade, que para as autoras, o termo é um conceito amplo que abarca o chão (espaço físico) mais a identidade (o que se cria e usa neste espaço). Na pesquisa das autoras, ficou evidenciado, que na produção das culturas infantis, as crianças nem sempre usam o espaço/tempo como foram projetadas pelos adultos a elas.

Dessa forma, entendemos que as crianças, ao interagirem em um determinado espaço ou território, se apropriam dele na medida em que imprimem suas marcas, produzindo diferentes formas de ser e estar ali, transformando-os em lugares carregados de sentidos e significados. (MALETTA; SILVA, 2020, p. 3)

Por isso, se torna fundamental que a biblioteca escolar/infantil esteja em constante funcionamento, de portas abertas. Que todos os alunos, desde os bebês, sejam incentivados a frequentarem e usarem o espaço e os materiais ali presentes. Mesmo que seja para explorarem, conhecerem, tocarem os objetos e ouvirem histórias.

No território das bibliotecas, as crianças também podem se relacionar socialmente com seus pares, trocam experiências, conhecem culturas e podem expressar suas culturas.

No espaço da biblioteca escolar/infantil encontra-se variados tipos de livros e umas das atividades que ocorre habitualmente é a contação/leitura de histórias. Pensar no livro como um brinquedo para a criança e na leitura como uma brincadeira, permitiu o encontro de uma dissertação que descreve essa possibilidade.

Para Faria (2021, p. 40) “quando estudamos sobre o papel de livros no desenvolvimento de bebês e crianças, podemos relacioná-los aos brinquedos e compreender ambos como produtos materiais e simbólicos da cultura em um contexto histórico-social”.

Outra aproximação entre livros e brinquedos se refere ao fato de ambos provocarem nas crianças diferentes possibilidades para vivenciar a realidade, imaginar e (re)criar. Parreiras (2012, p. 112) discorre que “por meio do brinquedo, ela [a criança] se conhece, se comunica, interage com o meio ambiente e com os outros. E por meio do livro, pode se colocar, pode imaginar, pode se divertir, pode compartilhar experiências com outras pessoas”. Ao compreendermos o livro como brinquedo, consideramos que a criança brinca quando utiliza tal obra. (FARIA, 2021, p. 40)

Retomando a pesquisa de Abramowicz (2011, p. 17) a autora faz algumas indagações que chamam a atenção, “o que uma criança vê quando olha para a cidade cercada de carros, buzinas, concreto e verde por todos os lados?” ou então “o que uma criança vê quando está em uma creche cercada de adultos, crianças, brinquedos?”. Neste sentido, pode-se fazer mais uma pergunta relacionada ao objeto desta pesquisa, (o que a criança, que ainda não foi alfabetizada, vê, pensa e sente quando está numa biblioteca, o que vê sobre os livros, o mobiliário, os espaços e os adultos ali presentes?).

Talvez, em um primeiro momento, de acordo com o senso comum, pode-se chegar a pensar que a biblioteca não seria para as crianças um espaço apropriado para seu uso, por ainda não possuírem a competência de leitura e escrita. Em oposição a este pensamento, pode-se acreditar que a biblioteca, o livro e a leitura seria uma oportunidade de apresentação de mundos, culturas e possibilidades a essas crianças. Conforme Freire (1991), em a “*Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*”, há uma máxima afirmada pelo autor que faz relação ao que se propõe aqui, “a leitura do mundo, precede à leitura das palavras”.

Desta forma, acredita-se que mesmo os bebês e as crianças bem pequenas possuem seus sentimentos, seus desejos, suas opiniões, que são sujeitos dotados de direitos e que são capazes de criarem e expressarem sua cultura.

## **Resultados**

A pesquisa de Marques e Luz (2022) investiga a reação e ação de professoras e auxiliares de apoio em relação ao choro de bebês em uma EMEI de Belo Horizonte. Ao aprofundar a leitura do artigo, consta-se uma situação, relatada entre as páginas 14 e 15 da pesquisa, em que as professoras queriam levar os bebês para o bosque, porém, eles corriam e entravam na biblioteca,

choravam não querendo sair do espaço.

Nesse episódio, pode-se observar que as professoras tinham o objetivo de levar os bebês para o bosque; mas, ao saírem da sala com eles, ainda no corredor, os bebês entraram na biblioteca, indicando que queriam ficar ali. Considera-se importante ressaltar o desejo que todos demonstraram, por meio dos gestos e do choro, em ficar no espaço da biblioteca, e a insistência por parte das professoras para que eles fossem para o bosque a fim de cumprir com as atividades de uma rotina já estabelecida. Ramos (2012) reflete sobre a importância de se considerarem e se acolherem as iniciativas e as brincadeiras dos bebês como um conjunto de oportunidades para a organização e o desenvolvimento das práticas pedagógicas. (MARQUES; LUZ, 2022, p. 15)

A partir dessa situação é possível perceber que os bebês possuem interesse em estar e utilizar da biblioteca, explorando o espaço, de alguma forma se sentiram acolhidos. Diante disso, a biblioteca pode ser um espaço utilizado pelas crianças desde a mais tenra idade.

A pesquisa de Vargas (2019) analisa a alfabetização e o letramento na educação infantil em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte. Aborda várias atividades que ocorrem na escola que envolvem a alfabetização e o letramento das crianças. Entre as páginas 54 a 59 são apresentadas atividades que ocorrem na sala de aula e na biblioteca com o uso de livros, então pode-se mencionar contação de histórias com fantoches, reconto de histórias em quadrinho com crianças, reconto da história, contação de histórias, a leitura deleite na biblioteca e leitura na biblioteca com crianças de um ano folheando os livros. Nas imagens apresentadas neste trabalho é evidente a interação e o interesse das crianças pelas atividades descritas, além de demonstrar que elas estão à vontade no espaço biblioteca.

Considera-se, depois da análise das práticas de alfabetização e letramento da instituição que o destaque fica com as atividades que têm a leitura como foco. Incentivar o gosto pela leitura nas crianças através da contação de histórias, manipulação de livros no cantinho de leitura, visitas na biblioteca da escola e trabalhos com a família através da sacola literária, mostraram ser as atividades mais relacionadas à alfabetização e letramento encontrados na escola. Compreender os usos sociais da escrita e leitura são foco de trabalho desde as crianças de 1 ano. (VARGAS, 2019, p. 68)

A partir do exposto, a biblioteca como território explorado pela criança, o uso dos materiais do acervo e as atividades lúdicas que se desenvolvem ali, colabora no processo de sua alfabetização

e letramento, e, com seu desenvolvimento de forma integral.

Por fim, apresenta-se a pesquisa de Santos (2019) sobre estratégias utilizadas pelos profissionais de biblioteca, em uma Escola Municipal da Rede de Ensino de Belo Horizonte, para mediação da leitura e formação do leitor infantil. Reúne alguns dados históricos sobre o Programa de Bibliotecas da PBH e apresenta alguns conceitos de biblioteca escolar. Apesar deste trabalho não ter como local de pesquisa uma EMEI e sim uma escola de ensino fundamental, ele apresenta uma consideração interessante que se relaciona com o que tem sido apresentado aqui.

A carência da biblioteca escolar nas unidades de educação infantil incide não apenas na formação do leitor, mas também no trabalho do profissional. A criança que até os 6 anos incompletos de idade não se habituou a frequentar o espaço da biblioteca, a desenvolver os comportamentos adequados ao espaço, a explorar o acervo organizado adequadamente, a manusear o livro corretamente, a realizar o empréstimo domiciliar e suas subseqüentes responsabilidades com o material fora do espaço escolar e a desenvolver práticas de preservação e manutenção do acervo, quando passa a ter em sua rotina visitas à biblioteca, sente-se deslumbrada e ao mesmo tempo desajustada, não compreendendo a finalidade e oportunidades do espaço. A subtração do uso deste espaço cultural na educação infantil pode influenciar na construção do sujeito leitor crítico e independente. A ação do profissional da biblioteca como mediador, diante disso, necessita ser ainda mais precisa, metódica, sistemática e eficiente para atender a este leitor-usuário iniciante. (SANTOS, 2019, p. 16)

A importância do uso e frequência das crianças da educação infantil às bibliotecas é significativa e influenciará positivamente sua trajetória de formação escolar, além de permitir conhecimentos que lhes serão úteis ao longo da vida. Por isso, é fundamental que as escolas tenham bibliotecas em pleno funcionamento, que sejam atrativas às crianças.

### **Considerações finais**

Conhecer os direitos das crianças e como a infância se construiu como uma categoria social geracional é fundamental para entender o papel das bibliotecas em relação às crianças da educação infantil.

Neste sentido, uma biblioteca escolar/infantil ao oferecer às crianças, desde a mais tenra idade, o acesso, o contato aos livros, a leitura, a imaginação estão estimulando, em muitos casos, o

primeiro contato das crianças a outras culturas. As bibliotecas ao conhecer a história da construção da infância, ao oferecer espaços alegres e atrativos, materiais, mobiliários adequados às crianças, estão garantindo direitos às crianças, estão respeitando e valorizando essas crianças. É fundamental que professores e funcionários da biblioteca, sejam bibliotecários e/ou professores em uso da biblioteca trabalhem em colaboração, que os alunos sejam levados à biblioteca não somente em horários destinados a este fim, mas que façam uso do espaço de forma livre e espontânea.

Considerando as teorias de Vygotsky mediante a possibilidade de interação que pode ocorrer na biblioteca entre as crianças-crianças, crianças-adultos, crianças-objetos, crianças-leitura, o papel do bibliotecário precisa ser de mediador, possibilitando assim esses encontros e trocas.

Que a biblioteca também seja um local de apoio à contínua formação de professores, oferecendo sempre livros que colaborem com seu trabalho para a valorização das crianças e da infância.

Portanto, acredita-se que ao permitir as crianças o livre uso da biblioteca e dos livros, a exploração e experimentação, a descoberta, o manuseio, a apropriação do objeto livro e recriação de outros significados, sendo elas próprias sujeitos ativas na construção de sua cultura.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. *In*: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006. (Capítulo: Os dois sentimentos da infância, p. 99-105).

BORBA, A. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. *In*: BRASIL. Ensino fundamental de nove anos. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FARIA, Jozaene Maximiano Figueira Alves. **“O livro me escolheu!”**: vivências de leituras com crianças de uma escola municipal de educação infantil. 2021. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo:

Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4). 80 p.  
IFLA. **Diretrizes da IFLA para bibliotecas escolares**. 2. ed. rev. Portugal, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MALETTA, Ana Paula Braz; SILVA, Jennifer Vaz Barcelar Ferreira Gomes da. As territorialidades constituídas pelas crianças, por meio do brincar na educação infantil, em uma escola de Belo Horizonte-MG. **Revista Cocar**, Belém, v.14 n.30, set./dez., 2020, p. 1-19. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3417>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MARQUES, Fernanda Pedrosa Coutinho; LUZ, Iza Rodrigues da. O choro dos bebês e a docência na creche. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.38, e26836, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/BvDqnSFH4wkGHYvGGDqLr7B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MOREIRA, Sebastião Rogério Gois; ASSIS, Carmen Lúcia de Cássia Pongelupe; SANTOS, Waldete Aparecida dos. A brincadeira do faz-de-conta no desenvolvimento psicossocial da criança de três a seis anos e estudo de gênero. **Escritos sobre Educação**, v. 3, n. 1, p. 41-50, 2004.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Orgs.). **As crianças e a infância**: definindo conceitos, delimitando o campo. In: *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SANTOS, Bárbara Leilane Ferreira. **Mediação de leitura**: estratégias utilizadas pelos profissionais de biblioteca na escola municipal geraldo teixeira da costa para mediação da leitura e formação do leitor infantil. 2019. Monografia (Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 88 f. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32932/1/B%c3%a1rbara%20Leilane%20Ferreira%20Santos\\_EL\\_Laseb2019%20%281%29.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32932/1/B%c3%a1rbara%20Leilane%20Ferreira%20Santos_EL_Laseb2019%20%281%29.pdf). Acesso em: 22 nov. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Braga: Universidade do Minho, 2003.

UNICEF. **Convenção sobre os direitos da criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 18 nov. 2022.

VARGAS, Débora Fernanda Camilo. **Alfabetização e letramento na educação infantil**: análise da prática docente em uma escola de Educação Infantil de Belo Horizonte. 2019. Monografia (Especialização em Docência na Educação Básica) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 70 f. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33437/1/D%c3%a9bora%20Vargas%20Vers%c3%a3>

[o%20final%202020.pdf](#). Acesso em: 22 nov. 2022.